



EU SOU O PÃO

Para mim, a televisão é muito instrutiva. Quando alguém a liga, corro à estante e pego um bom livro para ler.

Groucho Marx

Não é a primeira vez que tenho tido conversas, umas mais em modo de dúvida, outras mais acintosas, que têm colocado a questão da comunhão. Já que sou cristão, e assumo isso sem problemas, mas mais porque tenho responsabilidades pedagógicas nos âmbitos das Artes Marciais, que incluem o desenvolvimento do pensar, irei reflectir um pouco sobre a questão.

Questão: É o cristianismo uma religião de antropófagos?

A arte de falar e de ler, enfim, de registar e comunicar os lados complexos, subtis, da mente e da alma humana, assim do conhecimento, é uma das características que nos distingue do resto da criação. Brincando um pouco com as palavras podemos dizer que deste lado da criação há a boa e má criação. Mas fiquemos pelo sério.

Independentemente do que se lê, há processos que temos de usar para poder saber ver para além da simples sonoridade dos sons e do sentido restrito das palavras. Não é incomum, graças a Deus, que quem leia um livro, vá ao cinema ou ao teatro, oiça uma composição musical ou simplesmente admire um quadro, esteja sensível ao lado profundo, oculto, sublimar ou simplesmente ao lado “esotérico”, à mensagem contida, seja ela simples ou metafórica. Como se sabe tudo na vida tem um lado exterior (exo) e um lado interior (eso) e isso não deve ser esquecido.

O entendimento não adequado, leituras directas, descontextualizadas e literais, de textos sagrados tem levado pessoas, “crentes” ou não-crentes, e grupos às maiores barbaridades. Devemo-nos obrigar a uma leitura que não se restringe ao aglutinar de letras, e à interpretação de sílabas e ao reconhecimento das palavras que fazem, ou deviam fazer, parte do nosso vocabulário.

Há que entender que o texto aqui apresentado está escrito de forma a chegar ao não-crente e que há aspectos que serão “omitidos”, por serem demorosos de explicar, e não é objectivo fazer aqui uma análise teológica, para a qual não estou sequer preparado, e para facilitar um raciocínio mais “científico”, mas este compromisso é aceite porque pretendemos aqui esclarecer “erros”, não teológicos mas de método de pensar.

Comecemos por aceitar que uma das interpretações/traduições possíveis para Belém é: Casa do Pão. Lembremos que foi lá que Cristo nasceu.

A hóstia é vista como a carne de Cristo. Carne é alimento. Ela alimenta o espírito mas também é a representação da crucificação onde o corpo de Cristo é consumido para alimentar (salvar) o homem da



sua queda (dos seus erros fatais que o levam à destruição). É também a ideia que se aceita (comemos), os ensinamentos que nos chegam. A carne é a Verdade que Cristo nos apresenta.

O vinho é o sangue. Sangue é o símbolo do sacrifício que tem de ser bebido (aceite) como uma das formas de estar do cristão, não só como exemplo de Cristo, que foi homem e sentiu tudo também como homem, como a inevitabilidade de uma vida humana, no que ela necessariamente carrega de doença, ingratidões, incompreensões, maldade alheia, declínio físico e morte. Lembremos que Cristo foi crucificado e o sangue que escorreu da sua ferida foi recolhido (a continuação para além da morte...).

Um dos principais erros é não entender que o cristão aceita que há o plano físico e humano, e o plano espiritual. Erro por desconhecimento, por esquecimento, por incapacidade de entender, por má vontade ...

O acto de comungar (comer a hóstia e beber o sangue) só tem razão de ser se integrarmos antes o processo de purificação espiritual feito através da confissão onde sinceramente o fiel expõe perante Deus os seus actos errados. É um acto que requer honestidade total, rigor e uma atitude de vontade de mudar, coisa que hoje em dia começa a ser raro de ver pois há a convicção que tudo pode ser feito, não há consequências para nós e para os outros dos nossos erros e que se pode sair daquele momento (seja da confissão seja do erro em si) para repetir ad aeternum os mesmos erros, muitas das vezes de uma forma hipócrita, como um descarregar de uma consciência que não quer mudar, ou não se consegue! Separar isto do momento de “comer e beber” Cristo é ignorância dos princípios, dos fundamentos. Daí também que há uma diferença entre radicalismo (próprio de quem não tem capacidade de tolerar) e fundamentalismo (de quem segue os fundamentos).

O acto de interpretar as palavras literalmente como se comida física se tratasse no Evangelho de João só pode ser entendido como uma das seguintes possibilidades:

- Imaturidade, porque ainda não se desenvolveu capacidades cognitivas suficientes para elaborar processos intelectuais mais complexos;
- Incapacidade para elaborar um processo de raciocínio, por deficiência;
- Desconhecimento cultural, filológico, psicológico e literário do resto dos textos sagrados, por desconhecimento cultural;
- Dificuldade de aceitação da realidade devido a problemas pessoais e sociais, devido a traumas ou situações que marcaram a pessoa e a impede de separar o momento traumático dos restantes, infelizmente;
- Estupidez bovina que normalmente é acompanhada de pretensões intelectuais;
- Vontade destruir princípios, fundamentais, típico de visões maçónicas e manipuladoras, por pura incapacidade de ser tolerante e racional.



Há que entender também que a presença de Cristo (carne e sangue a integrar) é a manifestação da vontade de que o homem pode através da matéria se ligar já ao divino, e não só depois da morte, aceitando, integrando em si (comer, como um dos actos normais e fundamentais, tanto para a carne como para o espírito).

E de que forma isto interessa ao artista marcial? Tudo na vida, deve ser feito com seriedade, rigor e o artista marcial tem de ser alguém que se eleva acima de mediocridade.

É a falta deste rigor que tem, no âmbito das Artes Marciais (AM), dado ao surgimento do todo o tipo de abordagens, de todo o tipo de “espertos” (não inteligentes), como se diz na língua dos nossos vizinhos ibéricos, que num momento de “delírio” decidiram criar um sistema, uma arte, um método ... qualquer coisa, num processo isento de um estudo, uma caracterização técnica coerente e comprovada. Estas fantasias são um pouco à imagem do que contam as histórias (que são com certeza só isso) dos míticos criadores (no passado) de algumas artes marciais. Depois é o regabofe ... o pousar para a foto, o desenrolar de um lençol de graduações, diplomas e certificados que num dia de inverno, numa montanha nevada, dentro de uma caverna, devem fazer uma boa fogueira (O fio da navalha - Somerset Maugham) e a assim a sua utilidade se torna óbvia, pois uma fogueira sempre aquece e a vaidade não. Tive um mestre que me dizia: “Professor, em num papel podemos escrever qualquer coisa. Não tem de ser verdade”.

Qualquer assunto, sagrado ou profano, deve ser tratado com seriedade intelectual.

Se fizermos um esforço para agir sem “facilidades intelectuais” desenvolveremos, sejamos crentes ou não, o entendimento das coisas e claro ... seremos mais capazes de enfrentar os verdadeiros desafios.

Não é objectivo deste texto doutrinar, converter ou algo semelhante. É objectivo deste texto tentar transmitir a ideia que pensar é um acto interessante e que ajuda a nos diferenciar dos não pensantes que caminham, como zombies, nas catedrais do consumo, sejam elas quais forem.

Seguem-se textos para serem “lidos” ...

*E Jesus, cheio do Espírito Santo, voltou do Jordão e foi levado pelo Espírito ao deserto;
E quarenta dias foi tentado pelo diabo, e naqueles dias não comeu coisa alguma; e, terminados eles, teve fome.
E disse-lhe o diabo: Se tu és o Filho de Deus, diz a esta pedra que se transforme em pão.
E Jesus lhe respondeu, dizendo: Está escrito que nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra de Deus.*

Lucas 4:1-4



47 *Em verdade, em verdade vos digo: aquele que crê tem a vida eterna. 48 Eu sou o pão da vida. 49 Os vossos pais comeram o maná no deserto, mas morreram. 50 Este é o pão que desce do Céu; se alguém comer dele, não morrerá. 51 Eu sou o pão vivo, o que desceu do Céu: se alguém comer deste pão, viverá eternamente; e o pão que Eu hei-de dar é a minha carne, pela vida do mundo.»*

52 *Então, os judeus, exaltados, puseram-se a discutir entre si, dizendo: «Como pode Ele dar-nos a sua carne a comer?!» 53 Disse-lhes Jesus: «Em verdade, em verdade vos digo: se não comerdes mesmo a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós. 54 Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue tem a vida eterna e Eu hei-de ressuscitá-lo no último dia, 55 porque a minha carne é uma verdadeira comida e o meu sangue, uma verdadeira bebida. 56 Quem realmente come a minha carne e bebe o meu sangue fica a morar em mim e Eu nele. 57 Assim como o Pai que me enviou vive e Eu vivo pelo Pai, também quem de verdade me come viverá por mim. 58 Este é o pão que desceu do Céu; não é como aquele que os antepassados comeram, pois eles morreram; quem come mesmo deste pão viverá eternamente.»*

João 6, 47-58

Lisboa, 24 de Junho de 2014